

O MITO E A SUA FORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM *ANATOMIA DOS MÁRTIRES*

The myth and its formation: a study on the reconstruction of memory in “Anatomia dos Mártires”

Ágata Cristina da Silva Oliveira
UFV

Resumo: A morte de uma jovem camponesa do Alentejo torna-se o símbolo de uma luta no Portugal salazarista. O que a transformou numa mártir? O romance *Anatomia dos Mártires*, do premiado autor contemporâneo português João Tordo, narra a tentativa de um jornalista em encontrar a verdade sobre a vida e a morte de Catarina Eufémia, camponesa assassinada por um tenente da GNR e traz pertinentes indagações acerca da pertença da memória e sua formação. O romance ainda questiona algumas controvérsias que permeiam a história de Catarina, como sua filiação ao PCP e sua gravidez no momento do assassinato. Além do romance, este trabalho utiliza, como *corpus*, reportagens jornalísticas sobre a morte de Catarina Eufémia de distintas épocas que comprovam, através das mudanças discursivas, a formação da memória de um mártir.

Abstract: *The death of a young peasant girl Alentejo becomes the symbol of a struggle in Portugal Salazar. What made her a martyr? The novel Anatomia dos Mártires, the award-winning contemporary portuguese author João Tordo, chronicles the attempt of a journalist in finding the truth about the life and death of Catarina Eufémia, peasant killed by a lieutenant of the GNR and brings pertinent questions about the ownership of memory and their training. The novel also questions some controversies that permeate the story of Catarina, as their affiliation to the PCP and her pregnancy at the time of the murder. In addition to the novel, this work uses as corpus, media reports about the death of Catarina Eufémia of different times that prove, through the discursive changes, memory formation of a martyr.*

Palavras-chave: *Literatura Portuguesa; Literatura, História e Memória; Literatura Contemporânea.*

“Até aposto que, se me puser a fazer um inquérito, descubro muito boa gente que acredita mesmo que o Dom Sebastião há-de regressar num dia de nevoeiro e que, com alguma sorte, traz com ele o Velho do Restelo. Parece-me que sucede o mesmo com a história de Catarina: ninguém sabe, ninguém quer saber, ninguém se preocupou em saber.”

João Tordo,

Anatomia dos Mártires

“O passado é uma coisa totalmente imaterial, e perdida. Não existe mais. O que existe é uma reconstrução constante de uma memória.”

Ana Miranda,

A arte de fingir que se mente

Introdução: o corpo sobre a bandeja

Após entrevistar o biógrafo de um mártir religioso e ouvir superficialmente a história de Catarina Eufémia, o narrador-personagem de *Anatomia dos Mártires*, um jornalista cuja vida permeava a mediocridade, escreve um artigo comparando o martírio do religioso à história da jovem camponesa alentejana assassinada pela GNR¹ durante a ditadura portuguesa e acaba por provocar indignação por parte dos leitores, inclusivamente do seu próprio pai. Cinzas, o editor que até no sobrenome é uma representação alegórica do que o comunismo então representa, é encontrado em coma na rua logo após ter defendido publicamente o artigo que tanta polémica gerou. Na sequência do fato acima mencionado, sentindo-se culpado, o jornalista se propõe a descobrir quem realmente foi Catarina Eufémia e a que ela representa e empreende um verdadeiro trabalho hagiográfico que envolve a busca por novas e antigas fontes de informação sobre a camponesa, indo das leituras de obras acerca do assassinato da alentejana até às visitas a Baleizão, palco do acontecimento que deixaria o nome Catarina Eufémia na história.

Anatomia dos Mártires (finalista do Prémio Literário Fernando Namora em 2011), o quinto romance do premiado escritor lisboeta, João Tordo, cuja vocação narradora notável foi premiada com o Prémio Literário José Saramago em 2009 e finalista do Prémio Portugal Telecom (com *As três vidas*), é uma obra do pós-colonialismo português que representa aos chamados “neto de Salazar” (RIBEIRO, 2013), os herdeiros da ditadura salazarista que, apesar de terem nascido após

¹ Guarda Nacional Republicana, legalmente criada em 3 de Maio de 1911. (Página oficial: <http://www.gnr.pt/>)

a Revolução dos Cravos, junto com escritores que vivenciaram esse período, voltam o seu olhar para o passado a fim de tentar compreender melhor o presente. Vivendo no Portugal mergulhado na maior crise econômica desde o 25 de Abril, a obra tordiana traz à luz uma série de questionamentos pertinentes ao trabalho literário e histórico-investigativo acerca da memória, em particular, à memória da Esquerda, bem como o lugar das ideologias no mundo atual.

Longe de figurar como uma literatura panfletária, entretanto, o romance de João Tordo contribui com discussões acerca de perguntas como: O que é um mártir? O que torna a morte de uma jovem alentejana um símbolo tão controverso? O que gera a memória dos mártires? O que deve prevalecer: a memória histórica ou a vontade da família? Quem são os “apoderados da memória”?, questões sobre as quais se pretende buscar possíveis respostas no transcorrer do artigo.

Os primeiros cortes: desvendando Catarina Eufémia

Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos, a súpula da definição de memória coletiva de Halbwachs seria o passado lembrado “sob o ponto de vista de uma ou mais correntes de pensamento coletivo” (2003, p.33). Quando nos debruçamos sobre a história de Catarina Eufémia, notamos o como a memória coletiva cria novos heróis e heroínas de acordo com as necessidades ou/e interesses de um determinado grupo ou população. Assim como Lorna, uma jornalista irlandesa com quem o narrador de *Anatomia dos Mártires* mantém um relacionamento, pergunta ‘o que é que se sabe verdadeiramente sobre essa camponesa?’ (TORDO, 2011, p. 118), quando refletimos acerca da maioria das publicações em jornais, músicas, poemas e livros que foram feitos em memória à camponesa alentejana, nos damos conta de que muito pouco se sabe de fato sobre quem foi esta mulher. Entretanto, conforme colocado por Barthes, ‘o mito é uma fala e, sendo assim, tudo pode constituir um mito, basta que seja suscetível a ser julgado por um discurso’ (2003, p. 199). Desse modo, por mais que pouco sobre a vida de Catarina se soubesse e ainda se saiba, o seu assassinato ocorreu em um momento e uma forma oportunos para que constituísse um discurso mítico. Quase sessenta anos depois dessa morte, João Tordo questiona esse estatuto de mito de Catarina Eufémia ao se servir da fala do seu narrador (não por acaso, um jornalista), para dizer que:

É fácil, na morte, eleger os mártires e eternizar os rostos jovens e as ideologias: se Catarina tivesse sobrevivido e chegado a velha, será que ainda hoje seria lembrada a bela camponesa comunista que *quase* deu a vida por uma luta que,

provavelmente não era a sua? Ou talvez o tempo a tivesse mudado tanto, ou tivesse mudado tanto a nossa percepção dela e da verdade, que nada restaria senão uma camponesa a acabar os seus dias numa aldeia perdida do Alentejo? A morte significa que não temos de enfrentar essa outra realidade, que a fantasia romântica que nos interessa e apaixona_ a de uma jovem com um filho ao colo e outro na barriga, símbolo de uma ideologia, como se levasse já um cravo na lapela vinte anos antes da revolução_ nunca tem de mudar. (2011, p. 58)

Porém, é preciso que tenhamos em conta que este processo de mitificação de Catarina Eufémia decorre de forma gradual. Ao pensarmos no mito enquanto uma formação discursiva, poderemos notar o como se deu essa constituição ao longo dos anos. Tomaremos como *corpus* jornais inventariados em uma página do site do PCP (Partido Comunista Português), partido que reclama para si a figura de Catarina como uma mártir comunista, onde encontramos artigos, notícias, entrevistas, poemas e documentos relacionados à vida e à morte da camponesa que foram organizados no quinquagésimo aniversário do assassinato da mesma. Em um destes jornais encontramos o seu assassinato noticiado da seguinte forma:

Mas foi em Baleizão que o ódio dos fascistas aos camponeses teve a sua mais infame expressão. Quando no dia 19 de maio um grupo de camponeses quis falar aos de Penedo Gordo, a GNR de Beja, que fora chamada pelo reitor da herdade, recebeu-os com uma rajada de metralhadora. À frente iam camponesas com os filhos ao colo e uma destacou-se dizendo: “Nós temos fome e queremos é falar com os de Penedo Gordo.” O tenente Carajola, que comandava a força da GNR, agrediu-a com duas bofetadas e a valente camponesa, grávida, caída no chão e segurando um filho que trazia ao colo, gritou-lhe: “Nós temos fome e queremos Paz”. O tenente assassino metralhou friamente a camponesa dando-lhe morte imediata e ao filho que trazia no ventre. Depois ainda disparou nova rajada contra outra camponesa que protestou contra o assassino mas não a atingiu.

O corpo da camponesa foi levado para Beja onde o delegado de saúde e o Dr. Andrade, médico de Baleizão, queriam no documento da autópsia dizer que a morte tinha sido provocada... por comoção. Depois os fascistas fugiram com o corpo da desventurada camponesa não deixando que os trabalhadores lhe fizessem o funeral. (“O camponês”, nº44, maio-junho de 1954)

Ao lermos a notícia presente em *O camponês* somos apresentados a esta personagem, Catarina Eufémia, encontramos a primeira menção à sua morte realizada na forma impressa. Em seu livro *Que é história?*, Edward H. Carr diz que ‘o uso da linguagem impede a neutralidade’(2002, p.61). A aparição de Catarina como uma vítima no trecho acima comprova isto. O texto jornalístico preocupa-se em descrever o como a violência é sofrida pela camponesa. O sujeito das orações é, quase sempre, o tenente que leva a termo a sua vida. Para reforçar sua posição de vítima, a sua insignificância diante da situação em que se encontrava, em momento algum seu

nome é citado e, no último parágrafo, é anexado ao substantivo corpo o adjetivo desventurada que, com a maioria das suas consoantes oclusivas, continua a ecoar na mente dos leitores mesmo após o encerramento do texto.

Podemos notar o contraste discursivo presente no texto jornalístico escrito em *O militante* 35 anos após a morte de Catarina:

Nos campos crescia a agitação social e Baleizão não era obviamente diferente dos demais baluartes de resistência. Aí, perante a recusa sistemática do agrário Fernando Nunes em pagar a jorna² pretendida para a apanha das ‘favas, os camponeses deliberaram entrar em greve e, a partir de sábado (15 de Maio), ninguém foi trabalhar. Dado o impasse da situação, na terça-feira seguinte (18 de Maio), um grupo de camponeses onde figurava Catarina Eufémia, vai ao Monte Olival para tentar negociar, mais uma vez com o feitor, o aumento. Em vão!

[...]

A justeza da posição reúne 300 baleizoeiros que tomam o caminho do Monte Olival, no intuito de esclarecerem o rancho de fora quanto aos motivos porque lutavam a exortá-los à Unidade. «Não foram precisas muitas falas para os trabalhadores se entenderem. Estavam todos de acordo, não se trabalhava com salários de fome».

No entanto, alguém previra o natural acordo e solidariedade, e teimando em vergar a vontade popular, chamara a GNR, que prontamente cerca o rancho do Penedo Gordo, obrigando-o a trabalhar sob a ameaça das armas e pela jorna determinada pelo «senhor da terra».

O Povo de Baleizão, ao tomar conhecimento da provocação, avança unido para a herdade, determinado a demover o grupo «contratado», mas depara com forte barreira de guardas republicanos que, de espingardas aperradas, lhe impede a marcha.

Perante a pertinaz resistência do proletariado agrícola, inabalavelmente convicto dos seus direitos e firme nos objectivos, os guardas deixam passar um grupo de 15 mulheres lideradas por Catarina Eufémia. Grávida e com o pequenito José Adolfo, de 8 meses, ao colo, esta avança decidida, confiante e sem temor, para o diálogo.

E então que, detrás de um monte de favas, lhe salta traiçoeiramente ao caminho o facínora tenente Carrajola que, recém-chegado de Beja com reforços, lhe aponta uma pistola-metralhadora, perguntando: «O que queres, bruta?» «O que eu quero é pão para matar a fome aos meus filhos!» A resposta soou em três tiros desfechados à queima-roupa. Mortalmente ferida, tombou de pé Catarina Eufémia, vítima da besta fascista. (“O militante”, n.º 172 de 1989)

No texto de 1989, Catarina Eufémia já não é uma “desventurada”. O seu nome aparece diversas vezes em posição de destaque na reportagem. Quando um grupo vai ao Monte Olival

² Salário pago pela diária.

tentar uma negociação com os patrões, diz-se que dentre eles “figurava Catarina Eufémia”. Em outro parágrafo, aparece como informação o fato de que ‘um grupo de 15 mulheres eram lideradas por Catarina’. A mulher que sequer tem seu nome mencionado no jornal que noticia sua morte passa a ser a líder de um grupo. Mesmo quando se fala em sua morte, a camponesa não é mais a frágil e “desventurada” mulher que fora no jornal de 1954: quando ‘mortalmente ferida, tomba de pé’. Podemos observar que o status de Catarina Eufémia muda radicalmente em 35 anos. Seria possível que a jovem camponesa tivesse mudado depois da sua morte? Burke explica como esse tipo de processo ocorre em sua obra *Variedades de História Cultural*:

Em minha opinião, o elemento central na explicação dessa mitogênese é a percepção (consciente ou inconsciente) de "enquadramento", em algum aspecto ou aspectos, de determinado indivíduo em um estereótipo vigente de herói ou vilão - governante, santo, bandido, feiticeiro, ou seja lá o que for. Esse "enquadramento" impressiona a imaginação das pessoas, e começam a circular histórias sobre o determinado indivíduo, oralmente, a princípio. (BURKE, 2000, p. 79)

Apesar de tantas outras mortes ocorridas no período da ditadura salazarista que poderiam ter ganhado estatuto de mitos, símbolos de um martírio político, é no assassinato de Catarina que encontramos um “enquadramento” adequado. Esse “enquadramento” aparece explicado e explicitado na obra de João Tordo quando o narrador faz a importante pergunta sobre o caso da camponesa alentejana: “Mas por quê ela?”(p. 165) Na sequência a questão é respondida:

Porque essa não foi uma morte qualquer. Foi o assassinato de uma mulher jovem e bela às mãos de um facínora e ocorreu no único momento em que não podia ter ocorrido, durante uma manifestação pacífica de trabalhadores numa altura de grande implantação comunista no Sul. O regime falhou nesse aspecto, ao entregar o policiamento das zonas rurais à GNR, cujos sargentos e tenentes eram mais brutos do que os jumentos que por vezes o carregavam. (TORDO, 2011, p. 166)

Os militantes do PCP, bem como os outros partidos e grupos políticos que por tanto tempo lutaram entre si pela custódia da imagem de Catarina Eufémia, encontraram na morte da camponesa os elementos necessários para seu uso representacional: jovem, bela, mulher, mãe, supostamente grávida, supostamente filiada ao partido. Todas as características presentes na pessoa de Catarina bem como nas circunstâncias da sua morte eram perfeitas para gerar empatia, ou, como diria Aristóteles ao tratar da tragédia que não coincidentemente servia-se do mito como fonte para seus textos, ‘por meio da compaixão e do temor, provocar a purificação’ (2011, p.48) no público. Não se quer dizer com isso, entretanto, que a morte de Catarina não seja importante

ou legítima. O que se coloca aqui é o questionamento acerca de qual era a real dimensão de Catarina. Servindo-se do que diz Burke:

Devemos enfatizar que aqui se emprega o escorregadio termo "mito" não no sentido positivista de "história imprecisa" mas no sentido mais rico, positivo, de uma história com um significado simbólico que envolve personagens em tamanho maior que o natural, sejam elas heróis ou vilões. (BURKE, 2000, p. 78)

Quando colocamos de lado essas lentes mitificantes que dão uma proporção maior do que a natural, a problemática gerada são as controvérsias que começam a aparecer acerca da figura de Catarina Eufémia. O narrador de *Anatomia dos Mártires* se dá conta de tal fato ao começar a perseguir os rastros da camponesa alentejana deixados em jornais, em livros e na cultura popular. Dois desses pontos contestáveis são a afiliação partidária de Catarina ao PCP (TORDO, 2011, p. 199) e a gravidez no momento da sua morte (idem, 2011, p. 155) .

Examinando o exterior: Catarina e sua afiliação partidária

A afiliação partidária de Catarina Eufémia ao PCP tem sido garantida pelo partido ao longo dos anos. Segundo o PCP, Catarina era um membro ativo da resistência comunista, inclusivamente participava entregando folhetos que falavam sobre a situação do Alentejo sob o Regime Salazarista de casa em casa. Em uma entrevista dada a Miguel Patrício, Mariana Cascalheira, camponesa de Quintos, no concelho de Beja, que fora amiga e companheira de Catarina, afirma que esta informação está correta como podemos ver em um trecho da entrevista:

Diga-me uma coisa: ela teve essa pequena discussão com a sua mãe, porque a sua mãe e as mulheres mais velhas satisfaziam-se com pão e azeite, para a açorda. A Catarina não era da mesma opinião. A Catarina tinha consciência política?

Tinha. Tinha e muita.

Ela pertencia a algum partido?

Pertencia ao Partido Comunista Português.

A sério?

Sim senhor, sim senhor.

Há quem diga que não...

Então nesse tempo qual era o partido que havia?!

Não sei...

Mas eu sei. Nunca dei notícia de mais nenhum.

Só havia o Partido Comunista? Só o PCP é que tinha reuniões com os trabalhadores? E a senhora, já pertencia ao Partido?

Eu não pertencia, mas já nessa altura era simpatizante. Já o meu pai era simpatizante do Partido Comunista. E os meus irmãos também.

Recebia o «Avante» e propaganda política?

Isso era uma coisa que tinha de ser muito bem vista. Quem ficava com essas coisas, tinha de as saber esconder, às vezes debaixo do colchão. Isto era muito mau, não havia liberdade. O meu pai, em sonhando que, de madrugada, deitavam papéis a falar da situação política, ia buscá-los e vinha logo para eu ler. Quanto ao «Avante» era preciso um grande segredo, por causa da Guarda e da PIDE.

Chegou a ter reuniões com a Catarina Eufémia?

A gente não chegámos a ter reuniões. Cheguei a trabalhar num sítio em que as extremas das propriedades de Baleizão davam aqui com as nossas, e a Catarina juntava-se com os dois grupos, quando íamos à água, e combinava coisas, falava dos salários, como devíamos fazer.

Portanto, ela era uma mulher com consciência política?

Sim, sim, e muita. Do Partido Comunista é que ela era. Eu não dava notícia de mais nenhum. (“Alentejo popular”, 25 de abril de 2003)

No entanto, em contraste com tal informação, o jornalista Manuel de Melo Garrido em seu ensaio jornalístico *A morte de Catarina Eufémia: a grande dúvida de um grande drama*, afirma que a escolha de mulheres feita para que se fosse falar com o proprietário da herdade na manhã da morte de Catarina era justamente das tidas como “comedidas e que não causassem quaisquer desconfianças quanto à sua ideologia. Mais concretamente, mulheres que estivessem ao abrigo da mínima suspeita de professarem o credo comunista” (1974). Ou seja, se assim era o caso, não faria qualquer sentido que a escolhida fosse um membro ativo e conhecido do PCP. Além disso, em uma entrevista feita com António do Carmo, filho de Catarina, e relatada por João Tordo, quando perguntado sobre a ligação dos pais a qualquer partido político, ele respondeu:

Penso que não, mas o meu pai achava que, na altura da morte da minha mãe, houve muito aproveitamento por parte dos partidos de esquerda. Ele começou a ver muito oportunismo, principalmente do Partido Comunista Português, e a partir daí distanciou-se do PCP e passou a associar-se aos outros partidos do bloco de esquerda, mas ele era partidário e gostava das coisas correctas. (2011, p. 201)

De fato, segundo relatado por Garrido (1974), António Joaquim do Carmo, marido de Catarina, se contradiz ao afirmar que se filiou ao Partido Comunista antes do 25 de Abril e, logo depois, que se tornou afiliado em Serpa depois da queda da ditadura. A névoa sobre essa questão ainda se intensifica quando se coloca a problemática da contenda entre o PCP e a UDP (União Democrática Popular) envolvendo a disputa pela militância de Catarina Eufémia. Garrido justifica tal afirmação com um fato ocorrido em 23 de maio de 1976: simpatizantes da UDP teriam destruído um monumento erigido pelo PCP em homenagem ao 22º aniversário da morte de Catarina. A contradição acerca dos diferentes discursos sobre a filiação partidária da mártir alentejana é percebida e comentada em *Anatomia dos Mártires* quando se diz:

A contradição aqui é evidente: por um lado, há uma Catarina politizada, consciente da luta de classes e da espoliação dos camponeses por parte dos proprietários das terras; e há uma outra Catarina, ordeira, porventura menos interessante historicamente, que encabeça um grupo de mulheres justamente devido a essas qualidades ou defeitos (por ser ordeira e menos interessante) e que quer apenas dar de comer aos seus filhos. (2011, p. 148)

Ao analisar tais afirmações devemos nos recordar dos estudos sobre a estrutura social da memória de Maurice Halbwachs. Segundo explanado por Burke, embora ‘as lembranças literalmente partam dos indivíduos, numa perspectiva física, são os grupos sociais que determinam o que é "memorável", e também como será lembrado’. E continua dizendo: “Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo. "Lembram" muito o que não viveram diretamente.” (2000, p.70) É muito pouco provável que Catarina não houvesse ouvido falar do Partido Comunista uma vez que, na região do Alentejo, por volta de meados da década de 1950, visando a revolta do povo contra o Regime Salazarista, muitas de suas ideias já estavam sendo difundidas. Portanto, embora não seja possível afirmar que uma ou outra história é a verdadeira acerca da afiliação partidária (ou não afiliação) de Catarina Eufémia, podemos ver nessa divergência a confirmação das palavras de Burke:

Essa explicação tradicional da relação entre a memória e a história escrita, na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história reflete a memória, parece hoje demasiado simples. Tanto a história quanto a memória passaram a revelar-se cada vez mais problemáticas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem as atividades inocentes que outrora se julgava que fossem. Nem as memórias nem as histórias parecem mais ser objetivas. Nos dois casos, os historiadores aprendem a levar em conta a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção. Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados. (2000, p. 69, 70)

Identificando os órgãos internos: a gravidez de Catarina

Outra questão polêmica envolvendo o mito, a verdade e a memória de Catarina Eufémia, relaciona-se a sua suposta gravidez. Tanto a notícia do jornal de 1954, quanto a veiculada no artigo de 1989 refere-se muito claramente à gravidez da jovem camponesa. O próprio autor de *Anatomia dos Mártires*, João Tordo, diz que o que despertou sua curiosidade acerca da vida da jovem mártir e o levou a começar a pesquisar e, por fim, romancear essa pesquisa, foi uma reportagem encontrada em um jornal após a morte de Henriques Pinheiro, médico que participou na autópsia de Catarina Eufémia, que continha o depoimento deste, datado de 18 de novembro

de 2005, cuja polêmica ainda girava em torno da gravidez da camponesa. O ensaísta, escritor e comentarista político português Vasco Pulido Valente escreve, em um artigo intitulado “Volta, princesa”:

Este jornal publicou ontem um artigo sobre a mais venerável lenda política da minha geração: a lenda de Catarina Eufémia. Catarina Eufémia era uma camponesa do Baleizão, que foi morta a tiro, em 1954, durante uma greve, pelo tenente da GNR Carrajola. Segundo a ortodoxia do PC, Catarina estava grávida e grávida apareceu durante toda a ditadura e todo o PREC, em prosa, em verso, em desenho ou em gravura. Agora, um médico, que assistiu à autópsia, vem garantir que ela não estava, de facto, grávida. O que, evidentemente, não atenua o crime, mas dissolve o pouco que restava da história mítica do comunismo português. Para quem foi educado nessa história ou viveu no tempo em ninguém duvidava dela, esta revelação não deixa com certeza de ser melancólica. Até a santa do Baleizão, a imagem pura da inocência massacrada, se perdeu. Como sempre por causa de uma mentira e, ainda por cima, no caso, de uma mentira inútil. (*Público*, 2 de dezembro de 2005)

Como colocado por Barthes em *Mitologias*, obra em que busca uma conceituação de mito, este seria ‘uma inflexão, não uma mentira ou confissão’ (2003, p. 221). A possibilidade de uma gravidez na personagem que representaria uma luta trabalhista contra um regime opressor certamente seria um elemento que agregaria força ao movimento. Valente deixa bem claro em seu texto o como a figura de Catarina é importante enquanto “lenda política” e o quanto o mito da sua gravidez assume um papel relevante em toda essa história. A sua imagem, que muito se aproxima a de uma santa, perde uma das suas principais características, um dos aspectos que garantiam seu “enquadramento” no museu dos grandes mártires. Segundo colocado por João Tordo, o mito da gravidez de Catarina Eufémia começa a se constituir logo após sua morte:

Ele conta a história de uma maneira curiosa: diz que, aquando do assassinio_ e estamos a falar de meados dos anos cinquenta, não te esqueças_, e embora o rumor possa ter partido das amigas mais íntimas de Catarina, o povo se juntou no largo da Sé de Beja a aguardar o resultado da autópsia que estava a ser realizada num hospital daquela zona. E gritaram: ‘Não foi uma, foram duas mortes!’ Aqui começa a lenda, estás a perceber? Aqui entra a força do imaginário que, depois, é impossível de distinguir da realidade. (2011, p. 155)

Um pequeno grupo de companheiras de trabalho de Catarina havia ouvido da própria que ela suspeitava estar novamente grávida. Logo esta notícia cresce a ponto de se tornar um fato que é compartilhado pela comunidade de Baleizão e, depois disso, todo o partido comunista. Novamente vemos evidências de que o mito ganha seu estatuto graças ao discurso e, no caso de Catarina Eufémia, isso se processa de forma mais rápida. Segundo Maurice Halbwachs em sua obra *A Memória Coletiva*, isso ocorre pois

Embora seja fácil ser esquecido e passar despercebido dentro de uma grande cidade, os habitantes de um pequeno vilarejo não param de se observar mutuamente, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo aquilo que pode dizer respeito aos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la. Dentro de tais meios, todos os indivíduos pensam e se recordam em comum. Cada um, sem dúvida, tem sua perspectiva, mas em relação e correspondência tão estreitas com aqueles outros que, as suas lembranças se deformam, basta que ele se coloque do ponto de vista dos outros para retificá-las. (HALBWACHS, 1968, p.80).

A gravidez de Catarina Eufémia ganha uma legitimidade tão forte que, ao ser negada, causa certo mal estar entre as comunidades que compartilhavam essa memória. O mito cresceu de tal forma que ‘se torna difícil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real’. “O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode ganhar fortes efeitos de realidade”. (HUYSSSEN, 2000, p. 16) O assassinato de Catarina Eufémia continua a ser um fato importante do período do salazarismo, lembrar-se desse evento continua a ser relevante para que a memória e a história do país não se apague, entretanto, o mito começa a ruir.

Conclusão: relatório final e limpeza do espaço

A imagem de Catarina Eufémia, seu rosto, conhecido graças a uma única fotografia, estampa capas de livros e panfletos acompanhada pelo símbolo da foice e do martelo. Quer tenha sido membro do Partido Comunista ou não, quer estivesse realmente grávida ou não, apesar de certa ruptura do seu status de mito, Catarina continua a figurar como um ícone político. Como o próprio narrador de *Anatomia* a cognomina, a mártir alentejana é uma ‘apoderada da memória’ (2011, p. 169), ou seja, alguém que tem sua memória roubada por partidos políticos e instituições históricas a ponto de se tornar difícil enxergar quais são os reais contornos da sua silhueta.

Seria possível, entretanto, despír Catarina de tudo que ela representa e se chegar a quem de fato ela foi? Apesar de todo o esforço empregado na dissecação da jovem e bela mártir alentejana, o que se consegue é sempre chegar a uma projeção de quem ela era. Afinal, ‘perguntar pela pessoa por detrás do mito faz tanto sentido como perguntar por si mesmo atrás de um espelho’ (TORDO, 2011, P. 255). O que João Tordo consegue fazer, como um “neto de Salazar”, é elaborar uma narrativa que se baseia na memória histórica herdada. Assim como um bollandista do século XVII, João Tordo embarca numa pesquisa hagiográfica sobre uma personagem da história tão controversa quanto qualquer figura mitologizada. Ao buscarmos pela verdade acerca de Catarina Eufémia, podemos perceber, assim como o narrador-personagem de

Anatomia dos Mártires, que o lugar a que se chegamos é um “espaço de meias-verdades e meias mentiras” (2011, p. 153).

No entanto, graças ao ‘carácter inacabado da História semelhante ao da Literatura’ (MARINHO, 2008, 147), podemos continuar a escrever e apreciar romances e contos que problematizam e desmitificam personagens e fatos da história, quer através do preenchimento de lacunas, quer através da completa subversão dos fatos por meio da paródia ou representação alegórica, resultando em obras cujo valor literário é incontestável.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2011.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- BURKE, Peter. “História como memória social”. In: _____. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- COELHO, Jacinto do Prado. *A originalidade da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- COELHO, José Dias. *A resistência em Portugal*. Porto: Editorial Inova, 1974.
- E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS DE CARLOS CEIA <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=225&Itemid=2>
- GERVÁSIO, António. “À memória de Catarina Eufémia, militante comunista alentejana”. Disponível em: <http://www.pcp.pt/actpol/temas/pcp/catarina/index.htm> (Acesso em 08 de junho de 2015)
- HALBWACHS, Maurice. “Memória Coletiva e Memória Histórica”. In: _____. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MARINHO, Maria de Fátima. “A construção da memória”. In: *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Vol. 10. Santiago de Compostela, 2008, p. 135-148.
- OPERACIONAL <<http://www.operacional.pt/exposicao-guarda-nacional-republicana-103-o-aniversario>> (Acesso em 15 de junho de 2015)
- PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS <<http://www.pcp.pt/actpol/temas/pcp/catarina/campones-1954.htm>> (Acesso em 05 de junho de 2015)
- PATRÍCIO, Miguel. “Mataram-na por cinco tostões”. Disponível em: <<http://www.pcp.pt/actpol/temas/pcp/catarina/index.htm>> (Acesso em 05 de junho de 2015)
- RIBEIRO, A. S.; RIBEIRO, M. C. “Os netos que Salazar não teve: Guerra Colonial e memória de segunda geração”. In: _____. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*. Rio de Janeiro, volume 5, número 11, p. 25-36, Novembro de 2013.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. “A construção social da memória”. In: _____. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003, pp33-92.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. O romance: história e sistema de um género literário. In: *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 2011, p. 671-786.

TARQUINI, José Miguel. *A morte no monte*. Lisboa: Empresa Tipográfica Casa Portuguesa, 1974.
TORDO, João. *Anatomia dos mártires*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.
VALENTE, Vasco Pulido. “Volta, princesa”. Disponível em: <http://www.publico.pt/espaco-publico/jornal/volta-princesa-51804> (Acesso em 08 de junho de 2015)

Ágata Cristina da Silva Oliveira

Mestranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (MG). Graduada em Letras com habilitação em Português e Literatura pela Universidade Federal Fluminense (RJ).

Licenciada em Português pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - Portugal - através do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) da Capes.

E-mail: ágata.oliveira@ufv.br

Recebido em 30 de maio de 2016.

Aceito em 30 de junho de 2016.